

DURAÇÃO E MEMÓRIA: A CRÍTICA DE GASTON BACHELARD AO PSICOLOGISMO TEMPORAL BERGSONIANO

DURATION AND MEMORY: GASTON BACHELARD'S CRITIQUE OF BERGSONIAN TIME PSYCHOLOGY

Fernando da Silva Machado¹

Resumo: Em *A intuição do instante* (1932) e *A dialética da duração* (1936), a problematização a respeito do tempo levantada por Bachelard, a partir das teses bergsonianas da duração, deixa de ser uma simples reinterpretação do conceito de tempo e passa a se encaminhar aos poucos para uma ruptura evidente com o bergsonismo. Neste artigo, trataremos dessa ruptura via a interpretação psicológica da duração feita por Bachelard, fato esse que automaticamente estabelece um contraponto com o psicologismo temporal bergsoniano, sobretudo em *A dialética da duração*, onde ele irá forjar seu entendimento de consciência temporal e, por consequência, de memória. Ao estabelecer tal crítica Bachelard filia sua ideia de tempo psicológico às noções de ato de consciência e atenção que, por sua vez, estão circunscritas à razão que ordena os instantes descontínuos, sejam eles eficazes e ricos ou ineficazes e pobres. Mostraremos de que maneira isso ocorre e é desenvolvido em sua filosofia a partir de três passos decisivos: 1) uma interpretação de memória apoiada nas teses sobre a conduta do psicólogo Pierre Janet (contra a imediaticidade); 2) por meio de uma evidenciação do dinamismo e liberdade presentes na *psyché* e na própria memória a partir da valorização da ideia de intervalos imanentes às estruturas da consciência (descontinuidade); 3) uma interpretação de memória como *espera* (possibilidade).

Palavras-chave: Bachelard. Bergson. Duração. Psicologia. Memória.

Abstract: In the *Intuition of the instant* (1932) and *The dialectic of duration* (1936), the problematization of the time raised by Bachelard, from the bergsonian theses of duration, is no longer a simple reinterpretation of the concept of time and begins to move gradually to an obvious break with bergsonism. In this article, we will deal with this rupture through the psychological interpretation of Bachelard's duration, a fact that automatically establishes a counterpoint with bergsonian temporal psychologism, especially in *The dialectic of duration*, where he will forge his understanding of temporal consciousness and, consequently, from memory. In establishing such a criticism Bachelard links his idea of a psychological time to the notions of an act of consciousness and attention which, in turn, are circumscribed to the reason that orders the discontinuous instants, be they effective and rich or ineffective and poor. We will show how this occurs and is developed in its philosophy from three decisive steps: 1) an interpretation of memory based on the theses about conduct of the psychologist Pierre Janet (against immediacy); 2) by means of a demonstration of the dynamism and freedom present in the *psyché* and in the memory itself from the valuation of the idea of intervals immanent to the structures of consciousness (discontinuity); 3) an interpretation of memory as *expectation* (possibility).

Keywords: Bachelard. Bergson. Duration. Psychology. Memory.

¹ Mestrando em Filosofia pela Universidade Federal de Goiás (FAFIL-UFG). E-mail: f.silva.machado@bol.com.br.

“Todas essas antigas e caprichosas Irmãs do Destino, todas essas mães bizarras da alegria e da dor eram bem diferentes: umas tinham o ar sombrio e ranzinza, outras um ar caçador e malicioso; umas jovens que sempre foram jovens e outras velhas que sempre foram velhas”.
(Charles Baudelaire)

Introdução

O contraponto entre o pensamento de Bachelard e o bergsonismo não se tratou apenas de uma cisão irretornável, mas antes, de uma releitura crítica da filosofia temporal bergsoniana, sobretudo, de sua psicologia que faz da consciência uma extensão subjetiva da duração contínua, inscrita no próprio espírito através de um *elã vital*. Worms (2008, p.39) diz que essa ruptura bachelardiana com o conceito de continuidade, a favor de uma descontinuidade, tanto do tempo, como da vida, representa “uma verdadeira descontinuidade histórica entre dois momentos filosóficos decisivos [...]”, ou seja, o seu e o de Bergson. É como se disséssemos que Bachelard havia requerido para seu pensamento temporal um não-bergsonismo, ao estilo de um não-cartesianismo², como aquele descrito no último capítulo de sua obra *O novo espírito científico* (1934).

Primeiramente, esse não-bergsonismo poderia ser entendido como uma inversão promovida por Bachelard da tese geral bergsoniana da continuidade da duração, tese esta que serve como eixo nodal de todos os outros conceitos apresentados por essa filosofia. Contudo, é o conceito de descontinuidade que se torna central na filosofia de Bachelard, ele passa a ser tido como o elemento fundante da duração que não deixa de ser contínua, como pensava Bergson, porém, ela é afetada por nossa experiência do instante, única realidade perceptível, atômica e objetiva do tempo. Segundo Bachelard, o instante de novidade é o único fenômeno capaz de alterar o fluxo temporal através de atos de decisão (saltos) que inauguram uma nova vida no mesmo ritmo em que a encerra. Já em Bergson, a continuidade da duração é inquebrantável, sendo determinada a partir de uma experiência

² Lembremos, aqui, que o não-cartesianismo marca em Bachelard essa transição de um sistema filosófico fechado em si para a possibilidade de abertura e aderência do espírito a um polifilosofismo, liberado por uma epistemologia que acompanha os saberes produzidos pela ciência contemporânea. Segundo palavras do próprio autor, um não-cartesianismo significa: “Conservar uma espécie de dúvida recorrente aberta sobre o passado de conhecimentos certos, eis ainda uma atitude que ultrapassa, prolonga, amplia a prudência cartesiana e que merece ser dita não-cartesiana, sempre nesse mesmo sentido em que o não-cartesianismo é um cartesianismo completado” (BACHELARD, 1978, p.158).

interior da própria vida por meio de estados de consciências interligados por um *elã*. Para ele, os instantes não passam de fragmentos do tempo pensado. Bachelard (1994, p.16) escreve, em *A dialética da duração*, um parágrafo que firma claramente sua anteposição ao bergsonismo que começa com a reelaboração do conceito de duração, desembocando, posteriormente, na proposta de uma psicologia temporal distinta, envolvendo o tema da memória:

Devemos agora passar à crítica dessa escola quanto a esse ponto particular. Do mesmo modo, digamos desde já que do bergsonismo aceitamos quase tudo, exceto a continuidade. E mesmo, para sermos ainda mais precisos, digamos que, também do nosso ponto de vista, a continuidade pode apresentar-se como características do psiquismo, mas que não se poderia, contudo, tomar essas características como acabadas, sólidas, constantes. É preciso construí-las. É preciso sustentá-las. De modo que, enfim, a continuidade da duração não se apresenta como um dado imediato, mas como um problema. Gostaríamos então de desenvolver um ensaio de bergsonismo descontínuo, mostrando a necessidade de aritmetizar a duração bergsoniana para lhe dar mais fluidez, mais números, mais exatidão, também na correspondência que os fenômenos do pensamento apresentam com as características quânticas do real.

Para Bachelard, Bergson negligenciou a realidade fundamental do instante. A experiência primeira da realidade temporal, e que “corresponde a uma consciência mais direta do tempo” (BACHELARD, 2010, p.43). Segundo ele, “o problema do tempo muda de sentido a partir do momento que considerarmos a construção do tempo a partir do instante” (BACHELARD, 2010, p.43). Em *Matéria e Memória* (1897) e em *Ensaio sobre os dados imediatos da consciência* (1889), por exemplo, a consciência do tempo é uma consciência psicológica que conserva a forma pura da duração. Bergson irá defender que é pela consciência que intuímos a duração concreta. Mas ao colocarmos em evidência o problema do tempo contínuo, observamos que Bergson havia aplicado a noção de continuidade não só ao tempo, mas também à consciência. Bachelard percebe então que a continuidade da consciência psicológica bergsoniana nada mais é que uma distensão de uma continuidade mais fundamental, ou seja, da própria duração. Contra essa tese Bachelard pensa que se a duração que é contínua como trama, mas descontínua enquanto estrutura, o psiquismo pode se apresentar como sendo intermediário, ou seja, como uma estrutura fina entre a duração contínua e o instante descontínuo devidamente organizado. Mas e a memória, perguntaríamos, é plena como a duração e a consciência bergsonianas,

fazendo dos estados temporais subjetivos o fio pelo qual ela percorre ininterruptamente? Já que a descontinuidade incontestada do tempo coloca a sua marca no espírito, devemos nos questionar, junto a Bachelard, se ali, na teia da memória, o instante também coloca uma novidade excessivamente hostil.

Assim, a noção de memória surge no pensamento bachelardiano em consequência de sua reflexão sobre a descontinuidade do tempo, passando a ser central também em seu pensamento, assim como é no bergsoniano. Ora, se inicialmente sua crítica ao continuísmo temporal bergsoniano o possibilitou reinterpretar a própria noção de duração, agora, a noção de consciência psicológica integral pode ser transpassada por intervalos de ausência produzidos pelo próprio inconsciente. Se a descontinuidade do instante confere movimento por saltos à duração, Bachelard concebe que uma conduta adiada, nadificadora, poderá também dar intensidade à própria memória e à nossa própria pessoa. Veremos que é contra um “ser em si do passado”, em Bergson, atualizado por meio de lembranças puras, sucessivas e plenas (memória ontológica), que Bachelard (1994, p.48) irá se voltar: “[...] é impossível fazer referência pura a uma intuição íntima, a um conhecimento que o passado inscreveria passivamente em nossa alma”. Uma pedagogia do tempo nos ajudaria a livrar a consciência daquilo que é fácil, imediato, das memórias condicionadas. Consequentemente, a própria noção de memória, no pensamento bachelardiano, se tona *espera*, por conta de uma dualidade temporal que disponibilizada “começos majestosos, [...] que inauguram uma duração, mas que, no fundo, não pertencem a ela” (BACHELARD, 1994, p.44). Portanto, a partir dessa contestação à psicologia imediatista conciliada à noção de duração contínua que convém apresentarmos neste artigo a crítica bachelardiana ao bergsonismo.

I. A psicologia temporal bachelardiana e as contribuições de uma pedagogia do tempo

A vida é de essência psicológica em Bergson. Seria para nós praticamente impossível esboçar sua filosofia se não compreendermos a interação fundamental que há entre consciência e duração. Em *A evolução criadora* (1907), a vida é entendida não apenas como uma adaptação externa, uma evolução localizada, mas uma evolução criadora cuja sua realização se dá na duração que garante uma plasticidade da vida através de um progresso particular do espírito. A vida deve ser entendida então como um fluxo de uma

consciência de natureza psicológica. Bergson mostrou que essa consciência, que rege a vida e a matéria, é dependente de uma intuição que tem como função interpretar os dados sensíveis. Tal intuição liberaria o conhecimento a partir de um adentramento imediato, absoluto nas coisas, fazendo com que nos comuniquemos com a realidade profunda da duração. Podemos concluir então que intuição tem por objeto o espírito, já a duração, a mudança pura. Por isso que “pensar intuitivamente é pensar em duração” (BERGSON, 2006, p.30). Os impactos de uma acepção imediata e substancialista do tempo em Bergson, ou seja, que coaduna com a explicação delegada pelo senso comum ao fenômeno investigado, implicaria em um abandono da consciência reflexiva em prol da experiência sensível. É como se disséssemos: antes o imediato que o inteligível.

Todo o problema por parte de Bachelard com a filosofia bergsoniana começa com a questão do tempo e se desenvolve em direção a uma contestação de sua tese sobre a continuidade em um terreno basilar, ou seja: o psicológico. O problema é que a certeza bergsoniana de que o fluxo da consciência acompanha o fluir de uma duração vital, por já fazer parte dela, ocorre porque essa interiorização da continuidade temporal pode ser contestada diante de nossas experiências descontínuas com o tempo. Como sabemos o tempo não é nada além que a sucessão de instantes descontínuos. Quando Bachelard fala em “ensinar” algo sobre o tempo, no segundo no capítulo de *A dialética da duração*, sua verdadeira intenção é incitar um racionalismo ao invés de um sensualismo psicológico do tempo como via primária de explicação do fenômeno. Seu motivo: os instantes vividos são instantes ordenados segundo leis claras de uma consciência dialética. Logo no início do capítulo ele diz: “[...] qualquer que seja seu objeto, o ensino leva necessariamente a que se sugira uma ordem bem definida de ações bem separadas, anunciando o sucesso, seja objetivo, seja psicológico, das ações bem ordenadas” (BACHELARD, 1994, p.36). A ordem estabelecida em qualquer pesquisa resulta em um conhecimento claro e comprovado. O conhecimento gerado confirma o trajeto percorrido pelo ensinamento real, e o conhecimento sobre o tempo não foge à regra. Bachelard (1994, p.36-37) diz:

O conhecimento puro do tempo [...] não poderia ser imediato e intuitivo, pois nesse caso estaria condenado a ser pobre e frustrado. [...] O tempo deve pois ser ensinado e são as condições de seu ensino que formam não somente os detalhes de nossa experiência, mas as próprias fases do fenômeno psicológico temporal. [...] Não temos o direito de realizar nossa

ignorância e de basear rapidamente demais o desenvolvimento do fenômeno temporal íntimo numa trama objetiva.

A palavra *realizar*, nesta citação, que diz respeito a uma trama objetiva do tempo, deve ser diferenciada da explicação dada por qualquer filosofia que tenda a um realismo de primeira aproximação, que acredite nos dados objetivos, que goste de ser conduzida por uma percepção. A intuição psicológica que conserva o *elã vital* é “fugaz demais, vaga demais”, pois é impossível diante de um acesso à realidade primeira e direta do mundo impor “as grandes clarezas do tempo pensado, do tempo ensinado” (BACHELARD, 1994, p.37). Por isso, o psicologismo bergsoniano não “ensina” nada sobre o tempo, segundo Bachelard, pois ele estabelece o contato com a realidade dada imediatamente antes de ser um “exercício de pensamento”.

Uma pedagogia do tempo enriqueceria não só nossa experiência concreta da duração, mas permitiria que compreendêssemos as transições das fases de abrangência psicológica do próprio fenômeno pela razão. Interessante notarmos que aquele racionalismo que permeava os escritos epistemológicos bachelardianos iniciais (sobretudo com a tese do primado do erro e da aproximação por sucessão da verdade), reaparecendo em seus escritos finais sobre a ciência, retorna nestas obras temporais, oferecendo o rigor metodológico que uma pesquisa psicológica cuidadosa deve comunicar. Como diz Bachelard (1994, p.37): “O tempo é o que se sabe dele”. A um psicólogo cuidadoso como Pierre Janet isso não passaria jamais despercebido. Contudo, Bergson nunca aceitaria a tese de que existe um comportamento duplo dos fenômenos temporais captados pela consciência. Mas se nos localizarmos em uma duração vazia, em um instante pontual do tempo, como acredita existir Bachelard, seria possível ensinar o tempo a partir de uma intuição imediata? Não. A experiência se realiza na dialética possível do tempo pensado, ou ele se torna um “obstáculo” ou um “auxílio” para a vida: “o ser alternativamente ganha e perde no tempo, a consciência se realiza nele ou nele se dissolve” (BACHELARD, p.37).

Na psicologia temporal bachelardiana, amparada pelo ponto de vista de Janet, a descontinuidade constitutiva do próprio espírito ao retomar uma lembrança deve sempre apoiar essa experiência do ser em um presente dialético. Por sua vez, espírito e memória se dispersam, não são co-dependentes como vemos no bergsonismo, apesar de estarem em relação e formarem um complexo temporal que conecta nossos vários tempos superpostos

em uma duração, sejam essas temporalidades da ordem da matéria, do psíquico ou do pensamento. Vemos em Bergson, também, que a duração nunca é imprecisa, ela nunca treme diante de nossas recordações mais sentimentais. A esse respeito, Bachelard (1994, p.38) nos diz: “[...] para ter a impressão de que duramos – impressão sempre singularmente imprecisa – precisamos substituir nossas recordações, como os acontecimentos reais, num meio de esperança e inquietação, numa ondulação dialética”. Logo, uma discussão que se inicia a partir de uma oposição entre uma psicologia do tempo imediatista, que Bachelard reconhece ser a bergsoniana, precisa perpassar pelo conceito de memória entendido como acúmulo contínuo entre passado-presente-futuro, já que o próprio *nada* pode compor os intervalos da vida psíquica do sujeito, como por exemplo, aqueles existentes entre consciência e inconsciência, ou mesmo os vazios presentes na própria estrutura do inconsciente. Daí Bachelard nomear sua psicologia de “vertical” ou “psicologia do começo”.

II. A memória pode ser plena?

Em *A intuição do instante*, vida e memória são pensadas a partir do sentimento de *melancolia profunda roupneliana* revelada por um instante que traz a novidade e retira da vida a possibilidade de vivê-la em seu conforto pleno ao abalar sua suposta continuidade. Bachelard defende também que essa melancolia profunda, constitutiva da própria vida, revela-se já em nível ontológico como o vazio imêmore não admitido na plenitude do funcionalismo vital defendido no psicologismo bergsoniano. Contra ele, Bachelard postula que uma dialética do “tudo ou nada” vem anular qualquer resquício de contiguidade (BACHELARD, 1994, p.25). A não funcionalidade parece emanar da própria vida, em detrimento disto, nos diz Bachelard (1994, p.17):

[...] perguntamos então se o bergsonismo atribui um valor correto ao negativismo psicológico, à coerção, à inibição. Quando tivermos assim aprofundado a psicologia da aniquilação, tentaremos demonstrar que o aniquilamento supõe o nada como limite, do mesmo modo que a qualificação supõe a substância como suporte. Do ponto de vista funcional aonde iremos nos colocar, veremos que não há nada mais normal, mais necessário, do que passar ao limite e postular a distensão da função, o

repouso da função, o não-funcionamento da função, já que a função, com toda evidência, deve frequentemente interromper-se de funcionar.

Agora, se levarmos a cabo a relação da uma não funcionalidade da própria vida que se aplicaria também à própria memória, perguntaríamos, partindo dessa ideia, se a funcionalidade plena bergsoniana não seria colapsada pela necessidade apodítica de ritmicidade do espírito e da própria vida? A definição de memória, enquanto estados plenos e sucessivos (contínuos) de consciência no bergsonismo, não estaria em xeque conseqüentemente, já que a memória deve deixar de ser plena já por ser não funcional também? Não há dúvida de que a memória bergsoniana mantém não só a funcionalidade vital ininterrupta do *elã*, mas também, a funcionalidade da própria *psyché*, permitindo a conexão dos estados de consciência que não são mais do que os diversos estados temporais de nossa duração pura dada ao espírito. Por meio do contato entre espírito e matéria, estamos autorizados a dizer, com Bachelard, que a experiência jamais poderia ser descontínua para a filosofia bergsoniana, sobretudo, uma experiência concreta em vias de fundar a integralidade da realidade experienciável (contato do inextensível com o extensível pelo espírito). A esse contato, Bergson havia chamado, em *Introdução à metafísica* (1903), de *simpatia*. Assim, a memória já é continuidade do durável fixada sob o movente. Em todo caso, seria uma contradição pressupormos a definição de vida, em Bergson, como não sendo o desdobramento do espírito sobre a matéria extensível através do exercício da memória e pelo processo *simpático* mundo-realidade firmado pela intuição. A respeito da memória, diz-nos Bergson (1999, p.156-158):

Aliás, é isso que a consciência constata facilmente toda vez que acompanha, para analisar a memória, o próprio movimento da memória que trabalha. Trata-se de recuperar, uma lembrança, de evocar um período de nossa história? Temos consciência de um ato *sui generis* pelo qual deixamos o presente para nos recolocar primeiramente no passado em geral, e depois numa certa região do passado: trabalho de tentativa, semelhante à busca do foco numa máquina fotográfica.

Apesar dessa teoria bergsoniana, Bachelard acredita que a continuidade real no movimento implícito das atualizações dos estados temporais da memória pode ser totalmente contradita. A tese de Bachelard é de que a continuidade da duração deve ser avaliada segundo a possibilidade de não ser um pressuposto lógico, uma verdade dada, um

a priori. O movimento inscrito na matéria e percebido imediatamente via intuição, tendo como pressuposto a continuidade do ser na duração, não carrega as informações do passado ligando-as ao presente, pois o progresso, para Bachelard, é feito por rupturas. Há em seu pensamento uma revisão metafísica do hábito em sua estrita conexão com o instante no formato de uma concepção crucial sobre o tempo: a força produtora do instante de novidade. Podemos tê-lo como o “lugar metafísico” e imediato da intuição, não da duração. Dito de outro modo: o instante traz consigo, em forma de hábito, a descontinuidade, a quebra na sucessão e, especialmente, da continuidade da memória, afetando de forma significativa a ideia que temos de história, por exemplo.³ Em si, a memória pode comportar lacunas, por mais que esta definição bachelardiana coloque na berlinda o vetor de pensamento de todo o bergsonismo que confessadamente funda no conceito de continuidade seus alicerces.

Sabemos que Bachelard, em sua epistemologia, já havia evidenciado a separação entre *senso comum* e *conhecimento científico*, dois conceitos importantíssimos em seu pensamento, exatamente porque o dado já não é mais uma verdade colhida na natureza, pois, para a ciência contemporânea, para um racionalismo de segunda aproximação, a realidade passa a ser construída, técnica, e não imediata. Contudo, no que concerne a essa discussão sobre o psicologismo bergsoniano, e seu casamento com a noção de dado contínuo, psicologia um tanto quanto realista, diríamos, esta reflexão epistemológica bachelardiana não se aplicaria aí sem antes demarcar seu limite. A reflexão a respeito desse psicologismo é mais específica e extrapola o campo objetivo. Que há uma separação clara entre percepção e inteligência, em Bergson, não há dúvida, tanto quanto em Bachelard. Todavia, em Bergson, o dado imediato forma a experiência da realidade que incide diretamente sobre a consciência, fazendo com que a memória exerça a função conectora entre as diversas ações do indivíduo que se sucedem no tempo. Enquanto que o psicologismo bergsoniano é pleno e condicionado à percepção, o psicologismo bachelardiano é lacunoso por estar subordinado ao pensamento, já que o pensamento é

³ Acreditamos que Roupnel é importante nesse aspecto, pois Bachelard no fundo retoma seu escrito *Silôé* porque este apresenta uma definição de história como sendo descontínua, não substancialista. Daí a importância de se redefinir o conceito de memória como a faculdade que preservaria um pretensão substancialismo histórico, em forma de progresso contínuo, do modo como é entendido comumente, inclusive no bergsonismo. Mas esse tema da história e do progresso seria uma continuação desta discussão esboçada neste artigo sobre memória, contudo, reservaremos essa reflexão para outro escrito.

ordenado não segundo uma sucessão, mas por saltos e intervalos. Bachelard deve essa ideia ao psicólogo Pierre Janet. Por esse motivo, ele irá buscar substituir essa concepção “escorregadia” da consciência bergsoniana por uma “consciência vertical” que tentaremos definir melhor agora a partir de três grandes fundamentos: 1) uma interpretação de memória a partir das teses sobre a conduta de Pierre Janet (contra a imediaticidade); 2) As noções de dinamismo e liberdade presentes na *psyché*, trabalhado por ele a partir da valorização da ideia de intervalos imanentes a essas estruturas da consciência (descontinuidade); 3) uma interpretação exclusivamente bachelardiana de memória como *espera* (possibilidade). Esses argumentos formam a tríade de uma psicologia que inclui a descontinuidade em sua “infraestrutura”, para usar um termo bachelardiano, tendo como pressuposto uma ordenação racional que estabelece as condições em que retornamos ao passado, ao invés de forçosamente sermos obrigados a levarmos conosco, introjetada no ser, lembranças inúteis e vagas.

III. Contra a imediaticidade bergsoniana

Toda psicologia temporal bachelardiana que envolve a questão da memória só pode ser estabelecida a partir de uma discussão se há mesmo uma plenitude da consciência. Sobre esse problema, Bachelard parece encontrar nas teses sobre a conduta e a memória do psicólogo Pierre Janet algumas soluções, indicadas no terceiro capítulo de *A dialética da duração*. Distintamente de Bergson, no caso da memória, é através de uma *conduta adiada* (*conduta do nada*) que a suspensão da causalidade fisiológica do tempo (adiamento de uma ação) parece configurar um enriquecimento do presente revisitado por meio de um salto verdadeiramente eficaz no tempo. Bachelard (1994, p.48) declara: “É na ação adiada que tomamos claramente consciência do negativismo, já que a negação se torna aqui uma conduta. Faz-se verdadeiramente um vazio na ação adiada” (BACHELARD, 1994, p.48). A memória, nestes termos, torna-se mais ativa do que uma suposta unidade tributária da continuidade. Isso resulta de uma consciência dinâmica que deve agora poder “lidar” com seus hiatos. René Poirier (1974, p.362) fez um comentário em uma discussão que ocorreu no *Colloque de Cerisy* (1970), sobre Bachelard, que reforça essa perspectiva:

Para Bergson, a liberdade consiste em prolongar, talvez imprevisivelmente, seu ser e por consequência, longe de romper com ele mesmo, pelo contrário, exprimindo-o de tal maneira que talvez o ato livre seja aquele pelo qual se poderia quase definir o passado de um ser. Para Bachelard, ao contrário, a liberdade e o progresso contínuo consiste em se renunciar, a estabelecer uma fenda entre o passado e o presente [...].

Ora, adiar uma ação é suspender sua casualidade, é retirar da duração sua principal função: continuar. A essência e o movimento do tempo, já por serem descontínuos, deixam de durar para coriscar: “A onda não é mais empurrada por outra onda. Estamos livres para decidir sobre sua urgência” (BACHELARD, 1994, p.47). Curioso que o termo “conduta” parece ser um conceito retirado diretamente do vocabulário psicológico de Pierre Janet. Este conceito expressa claramente a ideia de ato instantâneo (causalidade formal do tempo), algo que escaparia à função, algo que diz respeito ao verdadeiro começo, ao impulso inicial de fato: ele é da ordem do fragmentário. Tanto que Bachelard utiliza o exemplo do epilético que depois de um ataque não se lembra de absolutamente nada do que aconteceu, nem do início, nem do meio e nem do fim. Esse começo desencadeia um ato que “inaugura uma duração, mas que, no fundo, não pertence ao que dura” (BACHELARD, 1994, p.44).

A memória, portanto, nada mais é que um desdobramento psíquico de uma conduta adiada que por meio do fenômeno da *espera* de um futuro, de uma “vontade de futuro”, faz a lembrança um salto descontínuo dos tempos “inúteis” e “ineficazes” a favor de decisões instantâneas mais bem preparadas pela razão a partir de nosso presente, sempre em vias de recomeço. São as lembranças verdadeiramente espontâneas que motivam nosso ser no tempo, como as lembranças de um amor, por exemplo. Sobre esse sentimento, fala Bachelard (1994, p.50): “A espera ao escavar o tempo, torna o amor mais profundo. Ela coloca o amor mais constante na dialética dos instantes e intervalos. Dá a um amor fiel o charme da novidade. Então os acontecimentos ansiosamente esperados se fixam na memória [...]”. Com esta metáfora do amor, Bachelard evidencia justamente que um sentimento bem localizado é revisitado não porque uma memória passada, ou a imagem que temos dela, pode oferecer uma satisfação presente, mas porque um amor esperado oferece a possibilidade de que o futuro possa ser mais intenso do que jamais foi um dia.

Logo, a concepção de memória, em Bachelard, pretende devolver a vida à sua liberdade de ordenação por superposição de temporalidades, hierarquicamente organizadas, segundo a vibração da matéria, da *psyché* e do espírito. Os saltos de condutas revitalizados

revelam um relativismo essencial entre os atos constituintes, onde a extensão do tempo é apenas uma ideia subalterna, como aquelas horas em que ocupamos nosso tempo e a impressão que temos dele é que passou rápido demais, pois foi um tempo em que nosso psiquismo tornou-se denso e as horas foram regulares e calmas. Se essas horas tornaram-se ricamente organizadas e conscientes é porque a memória é uma faculdade ligada à razão. É uma ilusão imaginarmos que exista uma memória universal, dada imediatamente e que conforma uma recordação pura, pois toda duração deve ser pensada. As lembranças então devem se tornar localizáveis, em uma trama temporal, ao associarmos ideias e não intuições, até porque nos parece impraticável. Ordenando ideias, por um sistema artificial, podemos recompor nosso passado e preparar nosso futuro, pois a organização da memória e do psiquismo é correlata à organização da duração, nela fixamos pontos de lembranças, hierarquizamos nossas condutas e superpomos estados temporais de acordo com nossa liberdade espiritual, sempre contingente e dispersa.

IV. Dinamismo e liberdade da consciência

A respeito do segundo ponto que havíamos estabelecido a ser discutido, Robinet (1974, p.320) faz uma análise primorosa sobre essa questão das lacunas presentes na continuidade, que afetam não só a matéria, mas a *psyché* e o espírito. Ele diz que no nível lacunoso do tempo que se propaga uma liberdade dialética. Essa temporalidade lacunosa provoca uma rejeição de toda imediaticidade, um adiamento do futuro, um reflexo do passado e uma intensificação do presente. Segundo o comentador, o princípio fundamental do tempo (descontinuidade) nos permite instalar uma rítmica sobre uma base metafísica, anunciada por Bachelard em suas lições instantâneas sobre o tempo, mas já presente em outra discussão em *O ensaio sobre o conhecimento aproximado* (1928)⁴ que faz face à obra *Ensaio sobre os dados imediatos da consciência*, de Bergson. Nela, Bachelard reclama a presença do intervalo na análise do sensível. Onde Bergson liberava a qualidade de toda medida espacial, Bachelard delega à alteridade dos dados o poder da análise que por sucessão nos permitia aproximar da verdade. Para o estabelecimento de qualquer qualidade

⁴ Segundo Robinet (1974, p.320), essa discussão pode ser encontrada no terceiro capítulo de *Ensaio sobre o conhecimento aproximado*, intitulado *Ordem e qualidade*.

é preciso que se parta de uma ordenação bem demarcada. E para que essa ordem seja engendrada é preciso que se percebam os seus intervalos. No continuísmo psíquico bergsoniano há uma abolição da ideia de ordenação por intervalos. Como vimos, segundo Bergson, o palco psicológico nunca fica vazio, o inconsciente não têm força para definir aquilo que nos é claro e o espaço lacunoso do ser, animado por diversos “nadas”, não passa de um falso problema. Entretanto, para Bachelard, a estrutura do consciente está necessariamente atrelada a um princípio dialético que o liga ao inconsciente ou, não sendo demasiado freudiano, a aquilo que pode ser esquecido pelo ser, como categoricamente o é. O estabelecimento desse fluxo consciência/esquecimento se dá então a partir de um arranjo dos intervalos mais conscientes com aqueles menos conscientes. Esses intervalos podem ser aqueles intervalos compostos por lembranças, memórias ou mesmo traumas. Poderíamos retomar o que disse o próprio Bachelard (1994, p.39) para demarcar este aspecto lacunoso de nossa memória:

Gostaríamos de ter um contínuo de atos e de vida para contar, Mas nossa alma não guardou uma lembrança fiel de nossa idade nem a verdadeira medida da extensão de nossa viagem ao longo dos anos; guardou apenas a lembrança dos acontecimentos que criaram instantes decisivos de nosso passado. Em nossa confiança, todos os acontecimentos são assim reduzidos à sua raiz em um instante.

Na *psyché*, cada momento do tempo carrega seu valor único, seu valor de diferença. Isso só é possível porque há uma hierarquia de instantes em forma de lembranças, umas mais importantes, outras nem tanto, organizados pelo pensamento. Com isso, queremos dizer que a memória é um recipiente cujo conteúdo é assimétrico e irregular. O tempo é assim a força que altera a memória por meio da novidade em forma de hábito, pois a descontinuidade do instante permite que a vida *realizada* não seja uma repetição. Temos a impressão que a construção da vida do espírito, para Bachelard, só é possível se entregarmos-nos ao “acaso” que promove o “desligamento [do eu] material”, fazendo com que não nos determinemos mais “por uma coisa, nem mesmo por um pensamento, mas, finalmente, pela forma de um pensamento [...]”, com isso, “[...] a vida espiritual se tornará estética pura”, ou para dizer sem rodeios: pura criação (BACHELARD, 1994, p.94).

Obviamente que em Bachelard a inação não é um problema, na verdade, é a partir do negativismo de uma ação, reflexo de um hiato na consciência, ou de uma decisão

racionalmente adiada e escolhida, que uma psicologia dos recomeços é forjada. Com psicologia do recomeço queremos dizer: uma psicologia cujo começo é a fonte de seu dinamismo, onde a consciência torna-se vertical. Para que a dialética temporal possa ser ativa, os repousos e ações devem oscilar e ritmicamente retornarem à vida psíquica de cada um a partir das possibilidades que uma liberação das repetições de atos desencatados por um “acontecimento puro” engendram. O *elã* só pode ser pensado em relação a um “ímpeto inicial”, pois não podemos subtrair ingenuamente da duração os acontecimentos decisivos esclarecidos por um psiquismo dos diferentes começos. Falamos de *elã* como explicamos a inércia. Mas a sensação não é um estado estático, devemos nos preocupar com a mudança de uma conduta, por isso os sentimentos regulam nossas ações, ensejam quebras, rupturas e se dão por recomeços (BACHELARD, 1994, p.47).

V. *Espera* como possibilidade

Para Bachelard (2010, p.83), se há uma duração real, ela é “uma duração uniformemente variada, uma duração progressiva”. Para Bachelard (2010, p.77), *Siloë*, obra de seu amigo historiador Roupnel, parece configurar: “a confissão [de um historiador] da inutilidade da história em si”. Ele entendeu que a obra de Roupnel alargava o pensamento sobre a descontinuidade do ser. A esse respeito ele diz: “[...] Leibniz negava a solidariedade direta e ativa dos seres distribuídos no espaço. [...]. Encontra-se em *Siloë* uma negação suplementar, a da solidariedade direta do ser presente com o ser passado” (BACHELARD, 2010, p.58).⁵ Solidariedade essa que torna a memória *espera*. De tal modo, a própria ideia de história como “somatória de fatos” parece sucumbir.

Há decerto forças históricas que podem reviver, mas para isso elas devem receber a síntese do instante, assumir o “vigor dos atalhos” – nós mesmos diríamos: “a dinâmica dos ritmos. Naturalmente, Roupnel não separa a filosofia da história e a filosofia da vida. E também aqui o presente domina tudo (BACHELARD, 2010, p.77).

⁵ A título de exposição, Barreau (1974, p.351) diz que realmente “Bachelard retorna à Leibniz, mas para defender um otimismo mais racional e mais espiritual que aquele da *Teodiceia*”.

Com toda certeza Bachelard encontrou em Roupnel “as grandes vias filosóficas profundas” (BACHELARD, 2010, p.58). A partir das teses roupnelianas do hábito o ser serve de suporte ao devir sem que o passado se inscreva continuamente na matéria, o ser é uma possibilidade. No fundo, decididamente, é ao não-substancialismo roupneliano que Bachelard deve seu não-bergsonismo. Bachelard toma cuidado para justamente não cair em um substancialismo circunscrito à realidade em forma de um materialismo realista. O presente não tem substância, ele é instante sem memória, pura probabilidade.

O instante descontínuo suspenso entre dois “nadas” é o ponto de contato entre a espera “pobre, estéril e vazia” e uma espera sempre mais “rica e atenta”. Quando esquecemos, nada poderia jamais realizar-se ou suspender-se igualmente e ao absoluto. Por esse motivo, por exemplo, Blanchot irá escrever em sua bela obra *L’attente l’oubli* (1962), narrativa emblemática sobre o instante, que a “espera é o instante sempre sem instante” (BLANCHOT, 2006, p.51). A espera guiada pelo instante nos apresenta a perspectiva de um futuro inédito, em vias de recomeço, quebrando nossa história pessoal em função de nossa abertura diante do possível.

Parece que a espera faz o vazio em nós, que prepara a retomada do ser, que ajuda a compreender o destino; numa palavra, a espera fabrica localizações temporais para receber recordações. Quando o acontecimento claramente esperado sobrevém - novo paradoxo -, ele nos aparece como uma clara novidade. Nada se passa como havia sido previsto; o acontecimento vem assim ao mesmo tempo satisfazer e frustrar nossa espera, justificar a continuidade da localização racional vazia e impor a descontinuidade das recordações empíricas. Todos os que sabem desfrutar de uma espera, mesmo ansiosa, reconhecerão com que arte ela urde o pitoresco, o poético, o dramático. [...]. É adiando as ações medíocres, obstinando-nos em prever o imprevisível, que nos preparamos para ser ricamente contraditos pela felicidade. Contradizendo-nos, o acontecimento se fixa em nosso ser. A assimilação dialética é a própria base da fixação de nossas recordações. Não há memória acidental sem um drama inicial, sem uma surpresa dos contrários (BACHELARD, 1994, p.49).

Quando espero não possuo memória, a não ser essa do instante que em si já não carrega a estabilidade do que fui. No instante, nosso ser ganha potência, esperança. Nele, o ser atinge “sua referência autosincrônica, o centro de si mesmo, sem vida periférica”, graças a recordações bem trabalhadas e *compostas* em eixos intelectuais (BACHELARD,

1986, p.185). Como diz Bachelard (1994, p.51): “[...] a recordação é uma coisa difícil, não é uma coisa dada. [...] Parece-nos que uma psicologia mais completa deveria sublinhar as condições racionais ou ocasionais do retorno ao passado”.

Considerações finais

Não há no pensamento bachelardiano uma defesa gratuita da negatividade psíquica imanente à própria vida, e nem mesmo a defesa de uma filosofia substancialista que preenche os espaços vitais, como se fosse possível sempre postular um *ser-mais* e nunca um *ser-menos*, como na filosofia bergsoniana, por exemplo, que não tolera em seu psicologismo a ideia de nada e do vazio, tratando-os sempre como um falso problema metafísico herdado dos eleatas. O que Bachelard pretende é fincar seu pensamento entre esses dois polos, entre a afirmação e a negação. Ou melhor, ele inaugura a dialética dos estados temporais diversos, tornando “a sucessão da duração livre: [pois] ela admite a suspensão de ações, assim como heterogeneidades manifestas [...]” (BACHELARD, 1994, p.52).

O interessante é percebemos que a *memória*, para Bachelard, definição construída ao longo do artigo, partindo da crítica bachelardiana ao psicologismo contínuo bergsoniano, torna-se nada mais nada menos que *espera*. Antes de a memória ser um desenrolar do mesmo na consciência, ela abre o ser para a possibilidade de construção de seu próprio devir a partir da pluralidade de instantes presentes em sua duração, sejam instantes de lembranças ou decisões, sempre ordenados por nossa razão. É por esse motivo que a força do futuro incerto que nos atrai é maior que a força do passado que nos acomoda frente às possibilidades, pois nosso psiquismo vertical nadifica o fluxo de uma vida que descansa em um ritmo comum, dado, para no lugar produzir vibração.

Referências

- BACHELARD, G. *A dialética da duração*. Tradução Marcelo Coelho. 2.ed. São Paulo: Ática, 1994.
- _____. *A intuição do instante*. Tradução Antonio de P. Danesi. 2.ed. Campinas: Verus, 2010.
- _____. *O direito de sonhar*. Tradução J. A. M. Pessanha, J. Raas, M. I. Raposo, M. L. C. Monteiro. 2.ed. São Paulo: Difel, 1986.

- _____. *O novo espírito científico – col. Os Pensadores*. Tradução Joaquim José Moura Ramos. 1.ed. São Paulo: Abril Cultural, 1978. p.93-179.
- BARREAU, H. Instant e durée chez Bachelard. In: M. Gandillac; H. Gouhier; R. Poirier e C. Peyrou (Org). *Bachelard: Colloque de Cerisy*. Paris: Union générale d'éditions, 1974. p.330-355.
- BERGSON, H. *Introdução à Metafísica - Col. Os Pensadores*. Tradução Franklin Leopoldo Silva. São Paulo: Abril Cultural, 1979. p.11-39.
- _____. *Matéria e memória*. Tradução Paulo Neves. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- _____. *O pensamento e o movente*. Tradução Bento Prado Neto. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- BAUDELAIRE, C. *Pequenos poemas em prosa: O Spleen de Paris*. São Paulo: Hedra, 2007.
- BRANCHOT, M. *L'attente l'oubli*. Paris: Gallimard, 2006.
- POIRIER, R. Discussion. In: M. Gandillac; H. Gouhier; R. Poirier e C. Peyrou (Org). *Bachelard: Colloque de Cerisy*. Paris: Union générale d'éditions, 1974. p.355-367.
- ROBINET, A. Rythme et durée. In: M. Gandillac; H. Gouhier; R. Poirier e C. Peyrou (Org). *Bachelard: Colloque de Cerisy*. Paris: Union générale d'éditions, 1974. p. 317-330.
- WORMS, F. La rupture de Bachelard avec Bergson comme point d'unité de la philosophie du xx siècle en France. In: Frédéric Worms e J-J Wunenburger (Org). *Bachelard e Bergson: continuité et discontinuité?*. Paris: PUF, 2008. p.39-52.